

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — ERNESTO BIESTER. — FRANCISCO GOMES D'AMORIM — FRANCISCO PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO. — CARLOS JOSE CALDEIRA.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 14. — SABBADO, 5 DE ABRIL DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

SUMMARY.

Jorge, romance contemporaneo (continuação) — O Deserto, (continuação) — Os homens de sciencia contemporaneos (continuação) — Valle das Furnas na ilha de S. Miguel — Horas de Amor — Judeus karaicas da Crimeia — Ilha Boobi — Faustino, imperador do Haiti — Chronica semanal — Descoberta da Torre de Babel — Bibliographia.

GRAVURAS — Judeus karaicas — Imperador e imperatriz do Haiti — Gruta da ilha Boobi — Ilha de Boobi á sahida do estreito de Torres.

mnizarmo-nos em terra das attribuições que passámos no mar.

Jorge ouvia o tom, porém não percebia o sentido das palavras do seu amigo. Passava a largos passos pela casa, entoava este e aquelle fragmento das operas mais conhecidas, recitava versos dos poetas mais notaveis, ia á janella, olhava para o céu que estava n'esse dia suportavel, corria os dedos pelo piano, dava ordens ao criado, e contradizia-as immediatamente; enfim parecia totalmente outro homem. É que pela primeira vez o mancebo ex-

perimentava as sensações indefiniveis que desperta na alma o amor verdadeiro.

Aquella virgem bella, *biancha vestita*, de olhos fascinadores, e gesto suave como o dos anjos, ficção maravilhosa que a phantasia ardente do joven peninsular tinha criado, — realisava-se em Georgina. Eram esses, ou deviam de ser esses olhos, cuja luz coada atravez das longas pestanas devia de ser intensa e violentissima nos momentos em que a paixão lhe abraçasse a alma, esmorecida e frouxa, quando a languidez viesse desmaiar os sentidos,

e que fitos nos seus com amor, lhe revellassem na terra as inefaveis delicias da existencia do céu.

De Londres até o logar onde sir William tinha a sua casa de campo, a distancia não era longa. Os nossos dois personagens montaram a cavallo, e partiram.

Mauricio olhava para o seu amigo com a expressão do homem que sente verdadeiro prazer em contemplar a felicidade dos outros.

Preocupado, absorto, extranho a quanto o encara, Jorge não proferia uma palavra.

Ha situações de espirito, em que o homem esconde no coração a felicidade que experimenta, com a mesma avidéz e recato com que o avaro occulta dos olhos do mundo o seu thesouro.

É que o prazer verdadeiro, é como a essencia de alguns perfumes, evapora-se quando se expande.

No fim de duas horas descubria-se a habitação de sir William.

O coração do nosso heroe bateu alvoracado, sem o querer, as pernas comprimiram os ilhaes do cavallo, e desfechando a galope pela estrada batida e plana, dentro de 5 mi-

JORGE.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

Continuado do N.º 12).

Empalideceste como um cadaver; creio que me não enganavam os meus pressentimentos d'esta vez.

— Porque dizes isso.

— Porque ao annuncio de uma carta de casa de sir William, e com a leitura d'ella fizeste-te branco, e tremulo, como se uma grande impressão te surprehendesse o espirito.

— É que estou nervoso hoje. Olha aqui tens, lê.

Mauricio correu os olhos pela carta.

Oh! *Dio Santo!* Não pôde haver convite mais agradavel. Quinze, ou vinte dias no campo! Exactamente o tempo que os nossos negocios nos permitem ficar aqui! Quando partimos?

— Esta tarde mesmo, respondeu Jorge com tal rapidez, que parecia terem-lhe escapado involuntariamente as palavras da boca.

— Bem, vou dar ordem ao criado para que prepare as malas, não ha remedio senão inde-



Judeus karaicas da Crimeia.

nutos estava entrando no espaçoso pátio do palácio.

Assim que entraram na primeira sala encontraram diante de si a gentil figura de Georgina.

Em pé a pequena distancia dos dois mancebos, a encantadora ingleza realisava o bello ideal dos poetas e artistas. Devia ser assim que Raphael sonhou as suas virgens, a mesma suavidade na carnção, a mesma ternura, e languidez no gesto, a mesma luz, clara e intensa, temperada pela sombra das pestanas nos olhos fascinadores.

Os dois mancebos contemplaram-a estaticos, e Jorge sensivelmente perturbado balbuciou algumas frases de simples cortezia.

Agora em quanto Jorge, e Mauricio, conduzidos pelo criado se dirigem até aos seus quartos, e se demoram o tempo preciso para mudar de vestuario, conceda-nos o leitor algumas explicações absolutamente essenciaes para a intelligencia d'esta authentica narração.

As pessoas que não conhecem por experiencia propria sabem por tradição que em parte nenhuma do mundo as delicias do conforto (segundo a expressão de que elles se servem) se comprehendem como entre os inglezes.

Quanto pode imaginar-se commo e agradável existe no seio do seu viver domestico. Desabridos em geral no meio do mundo, pouco affaveis com os conhecidos, e orgulhosos até o ponto de tocar na grosseria com as pessoas que não conhecem, no centro das suas casas, no interior das suas familias são as mais affaveis, e alegres de todas as creaturas.

É pois no centro de uma destas casas da melhor sociedade, que se acham os nossos dois personagens, e onde como dissemos, pedimos licença para levar o leitor depois das intransigíveis apresentações do estylo.

Continua.

BULHÃO PATO.

O DESERTO.

(FRAGMENTO DE UMA VIAGEM POR ARAGO.)

KAIKAÉ.

(Continuação.)

A fera acercou-se de nós, fazendo mil rodeios, escancarada a fetida boca, d'onde escorria uma baba espumosa e corrosiva, eriçadas as ponteagudas orelhas, e fustigando o chão com a cauda estendida.

A vinte passos de distancia, estacou em frente de nós, os membros tremeram-lhe todos, e lançou-nos olhares furtivos.

—Atira, disse-me Kaikaé, que se havia adiantado um pouco.

—Ainda não, respondi eu; a hiena tem medo; prolonguemos a sua agonia, porque para os maus não ha talvez mais que um momento de remorsos. Devemos conceder uma hora a esse desprezível inimigo, que nos teria de certo devorado se nos apanhasse adormecidos ou desarmados.

Todavia era mister acabar com aquelle asqueroso animal; e por isso, rogando a Kaikaé que se conservasse no seu lugar, caminhei direito ao reptil dos quadrupedes com a pistola em punho. O animal moveu o corpo como para evitar o combate, depois firmou-se nas pernas, e esperou a aggressão. O seu halito empestado causava-me nauseas. Quando ia disparar a pistola, a hiena arrojou-se sobre mim, e conseguiu ferir-a no meio do salto.

—Morta? perguntou a joven selvagem.

—Morta.

—Levemol-a.

E Kaikaé aproximou-se d'ella para a agarrar pela cauda; eis que o vil e refalsado animal, fazendo um derradeiro esforço, estende o pescoço, abre as fauces, e morde a minha companheira na perna. Esmigalhei-lhe o craneo com a cronha da arma, e tratei immediatamente de tapar a ferida da pobre rapariga com um pedaço da minha camiza.

—Isto não é nada, disse ella sorrindo, e olhando para mim com meiguice.

—Mas pôde ser muito, redargui eu.

—Não, branco, não é nada.

O estrondo do tiro atterrara a colonia errante; e logo vimos correr varios homens da tribu de Kaikaé, que moderaram a corrida quando nos viram de tão bom acôrdo. Ao reunir-se comosco disseram-nos que tinham avistado ao longe a caravana de Dehamé, o noivo bellicososo de quem se contavam tantas façanhas.

Entre aquelles individuos tão estranhos á civilisação rebentaram entusiasticos transportes de alegria, apenas se reconheceram, e chegaram á falla. Dehamé comtudo pareceu estranhar a minha presença, e fulminando-me com olhar chammejante, preparava-se talvez para praticar algum excesso; mas Kaikaé aproximou-se d'elle, e disse-lhe algumas palavras ao ouvido: a sua mimica expressiva deu-me a entender que referia a morte da hiena. Dehamé chegou-se então a mim, poz as mãos nos meus hombros, tocou tres vezes a sua testa na minha, e offereceu-me uma formosa adaga de combate. Aceitei; mas não querendo mostrar-me menos generoso, despi o collete, e entreguei-lh'o, executando previamente as mesmas ceremonias que haviam precedido o seu presente.

Sentámo-nos e fallou-se muito. Meia hora depois, durante a qual cobriram o rosto e peito de Kaikaé com um panno, o fogoso amante ergueu-se de um pulo, como o chagal, chegou-se á sua noiva, tirou-lhe o panno, e sen-

tando-se ao seu lado, disse-lhe certas palavras, formadas de uma unica syllaba, as quaes eram por elle proferidas como se foram notas musicas.

A comitiva de Dehamé compunha-se de cem homens, que tremiam a uma voz ou a um gesto do temível chefe, Soltou um grito, e uns doze, entre negros e negras, vieram depôr aos pés da noiva fructas em abundancia; em seguida, desapertou o cinto, tirando de uma caixinha de ebano uma duzia de perolas bellissimas e de grandes dimensões. Kaikaé aceitou-as sorrindo, e o ditoso guerreiro, cujo leito acabavam de preparar, deitou-se sobre magnificas pelles de leão e de tigre, com a cabeça reclinada nos joelhos de sua esposa.

Antes de entregar-me ao descanso pude examinar á minha vontade aquelle homem extraordinario, de que tão espantosa memoria se conserva nos estabelecimentos inglezes.

Era de estatura mais que regular; a carapinha, dividida em madeixas empastadas, cobria-lhe uma parte da testa deprimida; o peito era largo, os hombros bem fornidos; a boca extremamente grande, e o nariz muito achatado. Nascido no deserto n'elle se revelava tudo o que este tem de lugubre e fatal; exceptuando as occasiões em que os seus deveres o obrigavam a fazer uso da palavra, era de uma taciturnidade verdadeiramente terrível.

Kaikaé viu com sentimento que eu retratava o seu noivo, pois receiava que se Dehamé o soubesse, suppozesse que eu tencionava dar os signaes da sua pessoa aos brancos, seus inimigos. E por isso rogou-me por acenos que esdesse o desenho.

Antes de deitar-me n'uma manta de lã, que estava devoluto, quiz apertar a mão da minha joven companheira; abrazava de quente.

—Que tens? lhe perguntei.

—Nada.

—Não te entendo.

—Receio perder tudo em um instante.

—Porque?

—Porque tenho a cabeça a arder.

—De alegria... não é assim, Kaikaé?

—Não, de febre. Vae dormir, e quando acordares, espero que me dês os bons dias.

Ainda bem não tinha encostado a cabeça senti uns movimentos ondulosos que me fizeram estremecer. Sentei-me, e olhei com mais attenção para a cabeceira. Qual não foi o meu espanto vendo debaixo da manta uma cabeça monstruosa de giboia!

Aquella serpente estava domesticada; levantou-se um preto, agarrou-lhe pelo collo com violencia, e depois de algumas palavras ameaçadoras, e de um silvo estridente do reptil, o monstro enroscou-se de novo no lugar que lhe haviam destinado.

O luar substituiu o sol; a brisa soprava fresca, e toda a natureza estava silenciosa; sómente da terra, por vezes, se soltava um surdo ruido, revelando a intensidade do calor durante o dia.

Despertamos ao rufar dos tambores. Era o signal convencionado para a cerimonia nupcial. Dehamé apresentou-se ufano como se fôra entrar no combate; Kaikaé collocou-se-lhe ao lado, ao passo que as duas tribus se iam reunindo em torno dos desposados.

Dehamé adornou a cabeça e os hombros da noiva com pedaços de marfim presos em alambres; e desenhou-lhe toscamente, com um pau afiado, varias figuras nas pernas e nas espaduas. O corpo de Kaikaé estava n'uma convulsão, e Dehamé, assustado, perguntou-lhe o motivo d'isso. A joven por unica resposta, soltou um grito penetrante, estendeu os braços, e caiu redondamente no chão.

Corri a acudir-lhe... estava immovel!

Era uma barra de ferro á qual nenhum poder humano podia dar elasticidade. Tinha os olhos abertos, e saídos das orbitas, a lingua espessa, e livida, e dos poros transudava-lhe um sangue negro e viciado.

A hiena cumpria a sua missão; o seu veneno infiltrára-se nas arterias d'aquella infeliz, e uma cova coberta de ramagem substituiu o leito nupcial.

Desesperado Dehamé abalou-se ao amanhecer, e os periodicos de Londres fallaram, pouco tempo depois, de uma horrível carnificina ordenada pelo feroz dominador d'aquelles sertões.

Homens, mulheres, e creanças desfilarão silenciosos diante dos frios despojos mortaes da joven preta. Um canto monotono acompanhava o triste perpassar da turba, e todos dobravam o joelho ao chegar aos pés da victima; quando se aproximavam á cabeça, inclinavam-se, e tocavam tres vezes com a testa na da defunta.

Abriu-se a sepultura; tinha cinco pés de profundidade. Antes de se depositar n'ella o cadaver, todos lhe lançaram dentro alguma offerenda em testemunho da sua dor; em seguida embrulharam a desgraçada Kaikaé em custosos pannos, e desceram na vagarosamente á sua derradeira morada. Fôra d'isto, nem uma lagrima, nem uma palavra, nem uma imprecação. Era aquella uma amargura que cada um queria conservar para si só; um tormento, cuja recordação desejavam todos immortalisar em seus corações.

TIGRE E PANTHERA.

Tres dias de inacção, de um tempo bellissimo e de limitados passeios, enervavam-me as forças, e já me arrependia das minhas primeiras correrias e esperanças, quando uma espessa poeirada, do lado do sul, me annunciou

um incidente, isto é, uma distracção, um prazer, uma fortuna. Dirigi olhar prescrutador para os camellos e vi-os immovels, do que conclui que nenhuma fera ameaçava a sua indolencia. Que era pois aquillo?

Era uma caravana, que depois de se ter perdido no deserto, atravessando de norte e sul, se dirigira para este logar na esperança de encontrar um guia, e sobretudo agua doce; porque a fome e a sede haviam dizimado os arabes, e os negros de Angola que a compunham.

Nunca presenciei entrevista mais fria nem mais triste. Saudaram-se com a vista; os que tinham chegado primeiro indicaram aos ultimos o manancial em que apagara-mos a sede; trocaram-se em seguida alguns presentes e as duas caravanas entregaram-se ao repouso, ainda que separadas, como se os homens errantes nas solidões africanas não fossem filhos da mesma terra, como se os não allumiasse o mesmo sol, e não estivessem expostos ao furor dos mesmos elementos. Qual é a patria d'esses homens negros e bronzeados? A manta sobre que dormem, a collina a que galgam, o deserto de areia, que atravessam, os cerrados bosques em que se occultam... a patria d'esses homens é o mundo, ou para melhor dizer, não têm patria. Por fim rompeu o dia, os arabes e os negros beberam no mesmo manancial, e dirigiram suas preces, os primeiros a Mafoma, e os segundos ao leopardo, ao crocodilo, ao sol, ao tronco de uma arvore...

Os recémchegados levantaram o campo ao amanhecer, e já se separavam dos outros sem proferir uma palavra, sem se apertarem as mãos ao menos, quando chegando-me a um arabe, que fallava alguma cousa o portuguez, perguntei-lhe para onde ia.

—Para Meca, respondeu.

—Mas antes?

—Para o deserto.

—E depois?

—Para Marrocos.

Immensa foi a minha alegria. Aquella caravana ia para Marrocos, mas para chegar a esse paiz tinha de arrostar grandes perigos, e fugir da região dos pantanos e dos bosques; era-lhe mister desviar-se do litoral, cujas sinuosidades demoravam muito tempo o viajante, e, n'uma palavra, penetrar no deserto, cortando-o para oeste em linha recta, que era um dos mais vivos desejos do meu coração.

Depois das ondas do Oceano, as ondas do deserto de Sahara; uma emoção após outra. Nem tudo se resolve n'esta vida em desgostos para o homem estudioso. Fiz camaradagem com dous ou tres arabes, manifestando-lhes a resolução em que estava de os acompanhar até Marrocos. Elles ouviram-me senão com prazer, ao menos sem repugnancia.

Uma hora depois íamos já nosso destino.

Quatro camellos, carregados de odres com agua, rompiam a marcha, com dous arabes, um d'elles com uma especie de tridente de ferro, e o outro com uma corneta, cujos sons deviam ser correspondidos por outros viajeros dispostos em iguaes distancias. Atraz dos cavallos iam vinte soldados com espadas e espingardas, levando á re-dea outros tantos cavallos conduzindo mulheres e creanças. Um espaço de duzentos passos separava este magote do segundo, que marchava na mesma ordem, seguido do terceiro grupo; o segundo levava em grandes cofres chapoados de ferro, as riquezas de toda a caravana, isto é, certa quantidade de ouro em pó, pelles de leopardo, de leão e de tigre, e muitos dentes de elephante.

A comitiva occupava talvez o espaço de meia legua. A areia, levantada pelas patas dos quadrupedes erguia-se em novellões, cortando a distancia que mediava entre os grupos; e quando ao nascer do sol ou á hora do crepusculo eu me punha a observar aquelle marchar estranho, e ondulado, conforme os accidentes do terreno, affigurava-se-me ver uma giboia monstruosa feita pedaços, procurando recuperar a vida, aniquilada pelo ferro.

No dia seguinte ao da nossa partida chegamos ao limite dos eternos bosques que cobrem aquella região maldita do céu. Depois de um descanso de tres horas em um immenso recinto rodeado de rochas escalvadas, cujos cabeços negros pareciam outros tantos phantasmas avidos de ar e de luz, proseguimos a marcha.

Nem arvores, nem vegetaes, nem sombras, nem verdura. Vêm-se apenas algumas hervas amarellentas, que só não rasgam os duros cascos dos cavallos, e dos dromedarios. Os meus fortes sapatos preguejados serviram-me de muito então; porque os pobres arabes á noute tinham os pés ensanguentados e cobertos de feridas.

Dirigindo-nos sempre para este, saímos d'aquella zona coberta de espinhos, e entramos em terreno pedregoso de difficil accesso. Cobras pardacentas umas, e outras serapintadas como as que já tinha visto pouco depois de saltar em terra, despertando ao estrondo dos nossos passos, assobiavam e fugiam com a rapidez de uma setta para mansões mais tranquillias, ao mesmo passo que certos quadrupedes pequenos, de focinho agudo, e parecidos com ratazanas, se erguiam nas pernas, e caíam mortos ás pauladas ou frechadas, que lhes disparavam os negros. A carne d'estes animaes permittia economisar a que conduziam os camellos; e com a sua pelle, em extremo macia, faziam os caçadores uma especie de sandalhas protectoras, que lhes eram de grande prestimo nos terrenos cheios de cardos.

Em breve a areia substituiu estes, e então começou verdadeiramente o deserto.

Descançamos de novo. Verificaram-se as ampulhetas de cada grupo, resoaram ao contacto de uns paus os odres cheios, e os camellos caçados foram mortos, para que servissem de alimento á prudente caravana, que não recorreu ao mantimento de reserva senão na ultima extremidade.

Pela terceira vez se levantaram as barracas, e pela primeira subiu ao céu uma prece geral. Maravilhou-me certamente a crença d'aquelles homens que prostrados até tocar o chão com a cabeça e virados para o oriente, pediam ao seu propheta que os fizesse atravessar o deserto saos e a salvamento.

Ainda bem não haviam terminado os patheticos canticos de gratidão, e de amor, resoou aos nossos ouvidos um rugido espantoso. Os camellos agitaram-se assustados; os cavallos com as clinas erçadas puzeram-se em uma mó, cabeça com cabeça, e garupas viradas para o inimigo, como se se negassem a miral-o cara a cara, ou como se não quizessem ver chegar a morte que os ameaçava. Os arabes, costumados áquelles trances, collocaram-se em frente da caravana, e os negros indecisos pareciam aguardar ordem para tomar uma posição.

É quasi impossivel que um leão ou um tigre se arrojem sobre uma caravana sem que a terra fique juncada de pedaços de carne palpitante; e como o instincto das feras lhes diz que o homem é o seu mais temível adversario, é a este que accommettem de preferencia, regosijando-se, quando lhe derramam o sangue.

Subi ás minhas andas, e d'este modo pude percorrer com a vista todo o horisonte, e apontar o perigo, indicando com a mão o lado d'onde o devíamos receiar, para o qual se dirigiram todas as forças.

Era um tigre que vinha para nós, dando pulos. Dirigimo-nos para elle; eu por mim fui postar-me ao lado de Zingacé, o mais lesto e infatigavel arabe de toda a caravana, o qual ordenou que nos acompanhassem alguns pretos boças, e tremulos de medo. Ia para perguntar-lhe o motivo porque queria que viesse conosco aquella gente pusillanime; mas Zingacé, prevenindo a minha curiosidade, explicou-me por gestos que era necessario sacrificar alguns d'aquelles desgraçados para salvar os mais valentes, e poder assim dar cabo da fera.

Pouco depois vimos a tiro de espingarda o habitante do deserto, e já examinavamos com cuidado as escorvas das armas quando imprevisto incidente nos fez esperar um espectáculo, de que só podem ser testemunhas os mais ditos exploradores.

Havia á nossa direita um montinho de areia brilhante, mesclada de veios vermelhos; e pareceu-nos que de traz d'ella se erguiam ligeiros vapores que a brisa adelgacava e desfazia.

Resolvemos cercar o montinho, obliquamos á direita, e avistamos uma formosissima panthera acocorada sobre uma porção de ossos requemados, e cobrindo com as mãos dous cachorrinhos.

Zingacé fez-me signal para que nos conservassemos socegados, significando que não eramos nós que havíamos de combater.

O tigre de feito não se dirigiu para nós; a caravana era grande e a escolta aguerrida; entendeu-o talvez assim, alegrando-se de encontrar menos temível adversario.

O tigre e a panthera acham-se já a poucos passos um do outro; o primeiro só tem a defender os seus membros elasticos e nervosos, em quanto que a segunda é o unico amparo dos filhinhos, que lhe pedem soccorro, e só com ella contam.

A lucta deve ser horrivel e sangrenta. Silencio.

Os olhos dos dous justadores faiscam lume; atroam os ares os seus rugidos; os dentes anavahados e as garras aduncas parecem preparar-se já para a medonha peleja. Contrahem-se-lhes os focinhos, enrugam-se-lhes a pelle aleonada das testas, as garras cravam-nas com furor no chão; ambos se cortejam, como preludio da sua colera e do seu odio, com baforadas de pestilente halito, que lhes faz saborear de antemão o banquete com que um delles ha de regalar-se á custa do outro. As linguas dos dous rivaes assemelham-se a agudas lanças, ou antes a scentellas de fogo, dilatam-se-lhes as fauces, e das bocas escancaradas saem lhes rancos fundos e cavernosos.

A panthera não se move, e o tigre dirige-se para ella. Não é um quadrupede que caminha com o collo erguido, senão um reptil que se arrasta, porque conhece que será vencido senão matar no primeiro salto.

A panthera collocou-se diante dos cachorrinhos, que brincam um com outro, arranhando-se as pelles serapintadas.

Os antagonistas fingiam que nos não tinham visto, ou pelo menos parecia incommodal-os pouco a nossa presença.

De repente atiraram-se um ao outro, dando um pulo formidavel; ceavam-se os dentes; penetram as garras nas carnes. Travados estreitamente parece que aquelles dous peitos respiram unisonos. São dous amigos que se abraçam, e não querem separar-se; dous inimigos inconciliaveis, dos quaes é necessario que um morra.

Aquella immobilidade não é o socego: o terreno está encharcado em sangue; mas a vida de tão terribes combatentes é mui dura; só o raio póde suspender os movimentos das suas arterias.

Surprehendido e desesperado de tão inesperada resistencia, afastou-se o tigre como para tomar alento. A panthera respira, e corre a lingua pelas entreabertas feridas.

Vendo-a distrahida pula o tigre sobre os pobres cachorros; com as garras estrangulou um; para o outro bastou uma dentada; e satisfeito tentou retirar-se para gosar o triumpho que alcançára.

Não será por muito tempo: a panthera rugiu furiosa quando viu os filhos mortos; converte-se em leão e atira-se sobre o tigre. Nem este torna a levantar-se!

Quizera perdoar a vida á panthera, porém a bala de Zingacé decidiu o contrario, e no dia seguinte quatro cadaveres serviram de pasto ás famintas feras d'aquellas solidões.

A alegria na caravana foi immensa: os lances do combate que acabavamos de presenciar tornaram-se assumpto de todas as conversações, e os arabes deram graças ao propheta por serem testemunhas de tão raro successo, como se aquelle sanguinolento preludio da marcha não devesse augurar alguma catastrophe.

(Conclue)

F. P.

OS HOMENS DE SCIENCIA CONTEMPORANEOS.

I

JOÃO JOSÉ PEREIRA.

(Continuado do n.º 11).

Foi em 1824, que el-rei D. João VI creou as escolas regias de cirurgia de Lisboa e Porto. O addicionamento de novas cadeiras, a maior regularidade do curso, deficiente todavia, a maior importancia, que alcançavam estes estabelecimentos, reclamavam da parte dos professores, para elles nomeados, talentos e habilitações superiores ás dos seus collegas em geral. João José Pereira foi escolhido, ainda assim, para lente proprietario da cadeira de Hygiene, Pathologia e Therapeutica externas, provando os successos futuros, que a nomeação regia difficilmente poderia acertar melhor.

Quasi todos os cirurgiões, que hoje conhecemos, foram seus discipulos. Os encomios, que elles tecem ao seu antigo professor, os louvores unanimes, que, ainda hoje, saem da boca de todos, ao mencionar-se aquelle nome notavel, são provas incontroversas do que valia como lente e do que poderia valer como escriptor, se para isso o encaminhasssem as suas tendencias.

Comprehendendo o genero oratorio, que pertencia áquelle lugar, não guindava o periodo, nem pertencia atrahir a attenção dos seus discipulos com o floreado do discurso; ou por meio dos arrebiques da phrase. A gravidade na dicção era o cunho principal das preleções, que proferia; o ecletismo o systema philosophico, que adoptava; os dados colhidos na sua pratica, as conclusões filhas de um estudo profundo, eram as bases das suas doutrinas; e formavam-lhe alicerces tão solidos, que ameaçavam oppor-se aos cataclysmos tremendos, que não poucas vezes desmoronam os edificios da sciencia.

João José Pereira ia assim na vanguarda da sua epocha; e com essa previsão admiravel, que só é concedida aos grandes talentos, adivinhava, que havia de chegar um dia, no qual o — *ipse dixit*, — triumphantemente desterado do campo da sciencia, seria substituído pelo testemunho dos sentidos e pelas provas dos factos.

Se no exercicio do seu mister era rigoroso e justo, se, na cadeira, sabia revestir-se d'aquella autoridade respeitavel, que deve acompanhar sempre o magisterio, não era das que se desconsideram, terminada a aula, estando em contacto intimo com os estudantes, seus discipulos; ou tractando affavelmente os que se acham n'uma posição inferior.

Os estudantes encontravam o amigo a par do mestre, animados e ajudados por elle; os mais habéis entravam na vida clinica com um bom protector, e não poucas vezes lhe deviam uma parte consideravel da sua clientella de cirurgiões, da mesma forma, que pouco tempo antes lhe tinham devido na aula, uma grande parte dos conhecimentos, que os habilitavam para curar.

Nos vinte e tres annos que regem a cadeira, para que o vimos ser nomeado, não deslizou um momento da reputação, que adquirira. A sciencia encontrou em João José Pereira um digno seguidor e interprete; os estudantes um excellent mestre e uma fonte perenne de excellentes doutrinas; a Escola um dos seus maiores sustentáculos; os seus compatriotas um nome para citar com orgulho, e os estrangeiros um grande homem para ornar os monumentos da humanidade, e um testemunho de pezo, a que estimavam recorrer, para tornar mais authenticas muitas asserções em materias cirurgicas.

Se, como professor, mereceu um tão distincto lugar entre os seus; como operador João José Pereira foi o primeiro do seu tempo em Portugal, e collocou-se vantajadamente entre os primeiros vultes estrangeiros.

As operações mais importantes, as de maior delicadeza, bem como as de maxima transcendencia foram ensaiadas, executadas e não poucas vezes seguidas dos melhores resultados: a par d'estas concorreram em grande numero outras, que apezar de serem dignas de menção, eram esquecidas pelo nosso operador, affeito, como estava, aos maiores commettimentos e arrosos d'esta ordem.

A gloria de intentar a ligadura dos grossos troncos arteriaes, pertence aos cirurgiões inglezes. A subclavia, na saída dos escalenos, foi pela primeira vez laqueada por

Ramsdem em 1809, mas o successo foi infeliz e o doente falleceu ao sexto dia. Nesta mesma operação A. Cooper ligou um nervo, que suppoz arteria, e o resultado como é de ver, tambem foi funesto. Lallemand intentou tambem levar esta operação a cabo, mas não o conseguiu.

Maus precedentes eram estes para atemorizar os mais destemidos, mas nenhum effeito produziram em João José Pereira, que em 1826 a executou n'um doente do hospital; operou com a maior rapidez e desembaraço e conseguiu ao cabo de 40 dias, que o doente sahisse do hospital completamente curado da affecção, que tanto lhe compromettia a vida.

As operações de talha, lithotricia, hernia, cataracta e outras, que seria um nunca acabar enuncial-as, pois são quasi todas as praticaveis, foram levadas ao cabo com felicidade extrema, por este cirurgião. N'algumas d'ellas, encontram-se diagnosticos admiraveis, que pareciam mais advinhados do que reconhecidos, mas que o futuro não tardava a confirmar: n'outras a practica profunda do operador, que não se alterava, com os accidentes, nem se assustava, com as contrariedades, que sobreveem repetidamente no momento de operar.

Em seguida transcrevemos o que a respeito do seu antecessor diz o nosso amigo e lente o illm.º sr. Arantes. Julga-o concisamente e de fórma que os nossos leitores podem pela sua vista formar opinião mais cabal acerca do facultativo de que lhe temos fallado, do que o conseguiriam depois de se terem entasiado com prolixidades aborrecidas.

«Na medecina operatoria, que constitue a parte mais brilhante da cirurgia, é que o sr. Pereira revelava todo o seu genio. Mais eloquente pela acção, que pela palavra, maravilhava vel-o, armada de seu canivete, praticar as mais difficéis operações da alta cirurgia. — Ninguém teve mão mais delicada e segura, ferro mais rapido e salutar. — Espirito sagaz e profundo, fertil em recursos nos perigos imprevistos, o sr. Pereira juntava a estas qualidades na arte de operar, outra qualidade tambem essencial, um sangue frio imperturbavel. A cirurgia quer, como o campo de batalha uma coragem fria. O operador do mesmo modo, que o soldado, deve ser impassivel ao espectáculo da dôr, á vista do sangue, aos gritos do paciente. No momento em que a energia da arte é necessaria, o cirurgião não deve deixar-se arrastar por emoções comuns.

Operava sem ostentação: podemos até dizer sem elegancia; não pretendia realizar o *jucunde*, que um velho aphorismo cirurgico exige na arte de operar; porem ninguém o excedia em segurança, em delicadeza e celeridade.

Depois da operação começa um novo periodo: a vida reage; a natureza vai ajudar ou perturbar, ou oppôr-se ao fim que a arte procura; novos perigos, novos accidentes ameaçam o operado; é necessario, que o cirurgião dirija habilmente as consequencias da operação, que executou; e vós sabeis que o sr. Pereira previa, prevenia, moderava, combatia esses accidentes, essas complicações com uma rara intelligencia. Outras vezes, conhecendo a impotencia da arte, assistia, como expectador ocioso, a essas luctas que hiam decidir a sorte do doente; porque o sr. Pereira não era só um homem d'acção, era um grande talento cirurgico — a cabeça pensava, e a mão executava.»

Cirurgião effectivo por mais de vinte annos nas enfermarias do hospital, prestou sempre os maiores cuidados e attenção a todos os doentes, que lhe competia ver, porque não lhe influia a retribuição nem o lugar que os enfermos occupavam. Nas camas da caridade, ou nos leitos dos palacios, o doente era igualmente tractado, e João José Pereira esquecia tudo, para se recordar sómente, que devia concorrer com todas as suas forças, para a melhora d'aquelles, que se confiavam ás suas mãos.

Amigo do estudo, a que tanto devêra, aproveitava todas as occasiões favoraveis para se entregar á sua paixão dominante; mas ainda assim não tinha contrahido uma certa misanthropia, que é o apanagio, quasi sempre, dos homens, que passam a vida entre livros: a sua conversação era animada, e expansiva, e não poucas vezes se entregava ao prazer de a empregar com os seus amigos que não eram poucos.

Dissemol-o ao principio; João José Pereira não escreveu um só livro, o estudo, a pratica, o seu nome, o amor, que tinha á profissão não lhe serviram de incentivos; mas, diga-se a verdade, esta culpa era geral, não peccou, senão em seguir o uso adoptado, porque no seu tempo, raras foram as publicações em sciencias medicas que viram a luz.

Independente por natureza, altivo e orgulhoso para com os grandes, quando era mister, João José Pereira foi dotado de caridade exemplar. Em 1833, nomeado director de um hospital de sangue estabelecido em S. João de Deus, não poucas vezes mostrou o seu excellent coração provendo os enfermos á sua custa, com roupas de sua casa, com dinheiro, ganhó pelo seu trabalho.

N'um acto de caridade foi surprehendido pela morte e Deus que escolheu semelhante momento para o chamar á sua presença, deixou ver, quanto lhe aprasia a alma daquelle virtuoso cirurgião.

Effectivamente a 13 de Abril de 1848 quando ia dar esmolla a um pobre foi atacado por uma apoplexia, que o matou immediatamente.

Esta morte rapida e sem grandes soffrimentos era a que de direito competia ao justo.



Faustino, imperador do Haiti, com o seu vestido da coroação.



Adelina, imperatriz do Haiti (vestido de cerimonia).

Se porventura cur-tindo magoas d'a-zente se deseja a soli-dão, ali á margem do susurrante arroio o brando murmúrio das agoas deslisan-do-se mansinhas e suaves, infunde n'al-ma a mais doce mel-ancholia, inefavel companheira—*d'es-se doce pungir d'a-cerbo espinho*— a saudade! Então a lyra do poeta car-pindo-se sósinha e triste, solta os accen-tos maviosos e intí-mos do sentimento que o fere;—mas se em vez de gemer saudoso, alguns o-lhos de mago poder acompanhando-o a contemplar aquelles quadros mimosos da natureza, se volvem para elle meigos e ternos, então a can-ção do poeta ebrio d'amor, é risonha e bella como a espe-rança que o anima, ardente, arrebatada, palpitante, como os desejos de ventura que lhe anceiam o peito.

Mas caminhemos para o Valle.

Tendo subido as montanhas que o precedem cobertas de frondoso arvoredó, que agradavelmente vai orlando a ingreme estrada que as flanqueia, e des-cendo por a estreita garganta que for-mam duas d'ellas, encontra-se final-mente a primeira parte d'uma bacia de 3 legoas talvez

O corpo cathedratico da Escola, onde professára, os seus discipulos e amigos seguiram o prestito, o sr. dr. Barral proferiu sobre a sepultura o ultimo adeus ao seu collega e amigo, e as lagrimas da maior parte dos assistentes prestaram a ultima homenagem ao grande talento, que os abandonava.

Dois filhos herdaram o seu nome, praza a Deus que o conservem na mesma altura, para que a perda que sofremos com a morte de seu pai, possa por algum modo ser atenuada.

Temos concluido este pequeno estudo, que encetámos na parte relativa ao primeiro vulto desta galeria; agora em seguida, começaremos escrevendo sobre os que existem, e que felizmente alguns ha dignos de menção honrosa.

Não seguiremos ordem de merito, nem de antiguidade sairão indistinctamente e como primeiro nos occorrem: o acaso e nada mais será o unico motor, e não será culpa nossa, se elle fór injusto na sua escolha.

Succeder-se-ha immediatamente o ex.^{mo} sr. José Lourenço da Luz, contemporaneo do antecedente, e por felicidade nossa, nosso contemporaneo tambem. Não desmerece do seu collega, e sem anticiparmos juizo, nem aventurarmos opiniões prematuras, diremos agora de relance que o seu nome não é daquelles, que mais desaparecidos passam, nem dos que mais desaparecidos mereçam passar.

R. PAGANINO.

VALLE DAS FURNAS NA ILHA DE S. MIGUEL.

O ameno e risonho Valle das Furnas na Ilha de S. Miguel, a maior e a mais formosa das que compoem o Archipelago Açoriano, é um d'esses sitios encantadores, em que a Providencia aprouve reunir todas as galas, todos os primores da natureza.—Mais admirado e porventura melhor apreciado por estranhos do que por seus naturaes, este lugar espera ainda por um d'aquelles homens, que possuindo o magico dom de vestir o pensamento com as cores seductoras da expressão, e d'um estylo brilhante, e bebendo as inspirações de poesia, que tão suavemente communicam ao coração as scenas arrebatadoras d'aquellas variadas paisagens, fizesse uma descriptão digna d'aquelle pictoresco e romantico Valle.

Para todos os assumptos, ali se prestam incentivos e inspiração.

de circuito, vasta eratéra de volcão espantoso (1) em que a terra em convulsões medonhas, sacudida por a mão do Eterno arrancou das entranhas massas immensas, deixando em seu lugar esse plano vasio, hoje occupado por as pacificas agoas d'um formoso lago, que de surpresa se apresenta aos olhos extasiados do viajante.

Nada mais bello do que este pequenino Oceano, quando na mais completa immobildade e placida mansidão, espelha em suas agoas limpidas e puras as verdes montanhas que o circumdam: ou quando leve sopro da brisa, enrugando-lhe a lisa face, vêr como a onda vem toda encolhida beijar brandamente a praia, escoar-se, e vir outra vez chegando-se como surrateira e devagarinho, qual mão ousada, que vae tocar vedados pomos...

Durante um quarto de hora, vae o viajante gosando d'esta interessante prespectiva, pela estrada que costeia a Lagoa, pelo lado do sul (2) voltando quasi no seu extremo á direita para descer ao Valle—n'este sitio porém, se em vez de seguir estrada a baixo, se sobe a pequena crista que separa a Lagoa, da chamada *Secca*, disfructa-se então um golpe de vista arrebatador por todo o Valle. (3)

A verdura esmaltada dos campos, cortados por uma extensa linha d'alvas casinhas, combinada com a das arvores irregularmente dispersas pelas cercas, e devezas, ou agrupadas em pequenos outeirinhos, mil ribeiros serpando graciosamente pelo Valle, estendendo-se como longas fitas de prata atravez de formosos tapetes cõr de esperança; as montanhas d'um verde escuro carregado, d'aspecto agreste mas aprazivel. ellevando-se magestosas em torno do Valle, e parecendo assim moldurar este quadro unico, formam um todo cuja vista repentina, fazendo experimentar ao viajante uma sensação indizivel, o deixa absorto e estatico na contemplação de tantas bellasas.

Para o lado do Nascente, se levantam vaporosas columnas de fumo subindo-se aos ares, umas diafanas e claras, outras espessas e escuras—É lá o sitio afamado das caldeiras.

(1) É esta a opinião do sabio Mousinho d'Albuquerque, em resultado das observações, a que d'ordem do Governo, procedeu na Ilha de S. Miguel, em Agosto de 1825.

(2) Um viajante da-lhe 3 quartos de legua de —circunferencia— não tendo os dados sufficientes para avaliar a exactidão d'este calculo.

(3) A nova estrada tirou, é verdade, a subida do terrivel Rebentão, mas tirou tambem a agradável surpresa, que se sentia, quando do alto, se topava repentinamente com a vista do Valle.

Caminhando para alli, o cheiro sulfuroso que se sente, annuncia a proximidade d'aquelle medonho laboratorio da natureza, cujas scenas pavorosas enchem d'assombro o espectador attonito.

O terreno coberto de lava, e exalações volcanicas e semeado todo d'olhos d'agoa a ferver, reabsorvendo-se uns, emanando outros mansa e sinuozamente aos pés do viandante; uma columna d'agoa no extremo gráu de calorico, repuxando com violencia a 4 pés d'altura—mais adiante monstruoso cachão em uma profunda cova de fórma circular exhalando de continuo negro fumo, a debater-se em fervura espantosa tentando transpór as paredes naturaes, que a cercam, saltando, caindo, e recaindo sobre si mesmo com inextinguivel furor—ao lado medonha caverna cuja bocca horrisona e feia, vomita com estrondosa impetuosidade borbotões d'agoa lodoza e turva, que espadando nas encostas anfractuozas, e cõr de chumbo fervente, volve outra vez ao escuro antro que a sorve para de novo expedir com roucos e confusos roncões, similhando o fragor das ondas, e os bramidos da tempestade, que se ouve ao longe, junte-se a tudo isto um certo ruido subterraneo, que faz suppór uma immensa massa de materia ignea em continua ebullição, e que n'um momento pode fazer voar o solo que se pisa, e que a imaginação aturdida nos figura vacillante, e avalie-se qual será a impressão que sente aquelle, que pela primeira vez visita estes lugares.

Mui para admirar é tãobem o contraste que aqui apresenta a natureza—o horroroso ao lado do bello. Em volta d'este plano árido e nu, crestado por uma athmosfera abrasadora, se ostenta e pulula a mais ridenta vegetação, a poucos metros de distancia se vêem innocentes criancinhas folgando descuidosas juncto das pobres choças; e até o lugar occupado por estas mesquinhas habitações, se chama Valle da Alegria (1).

Outr'ora por aqui se estendiam sombrios bosques de gigantescos pinheiros, plantados pela mão dos filhos de Loiolla.—Mais proveitoza cultura os substituiu, e a abundante ribeira da Alegria, leva hoje suas agoas, por meio dos campos cultivados e verdejantes.

Mui poucos são já hoje os estrangeiros que visitam as Furnas, em consequencia da falta de regulares communicações entre S. Miguel e o resto do mundo civilizado. No

(4) N'este sitio, fundaram os Jesuitas uma ermidinha, da invocação de Nossa Senhora da Alegria—d'aqui a origem da actual denominação.

entanto, nos mezes de verão, concorrem muitos Insulanos, uns para recuperar a perdida saúde nas agoas abençoadas d'aquellas nascentes, outros a procurar as distracções e gosos, que offerece aquella mansão de delicias.

Nos ultimos dias de julho d'este anno, achavam-se alli reunidas muitas familias da Ilha de S. Miguel, e d'algumas das de mais do archipelago — o tempo passava-se o mais agradavelmente possível; de manhã no lindo parque do visconde da Praia, aonde a fresca sombra de frondosas arvores abrigando dos raios dardantes do sol, fazia esquecer as calmosas horas do estio — de tarde em passeios por o campo, ou á lagoa, aonde ligeiros botesinhos, recebendo as gentis passeantes as levavam a divertida digressão, fendendo ora rapida, ora mansamente a superficie das agoas.

Doces e harmoniosas vozes entoavam então as bellas canções do mais popular dos nossos poetas — L. A. Palmeirim. Estes sons melodiosos trazidos nas azas da viração da tarde, vinham bater suavemente nos ouvidos dos que passeavam nas margens.

Pousados sobre as arvores da encosta brincavam meigamente namorados pares d'alegres passarinhos, festejando juntos seus amores, ou descendo em rapido vôo para tambem juntos se banharem. — As brancas vellas dos barquinhos: destacando sobre o verde das aguas, realçavam a primorosa vista do lago.

Algumas vezes o astro da noite levantando-se de traz das montanhas sereno e puro, vinha ainda allumiar com sua luz pallida e suave este spectaculo de inexprimivel encanto.

As noutes passavam-se em algumas casas particulares, ou na assemblea que então se criou presidida por o commendador J. J. Machado, chefe d'uma das mais numerosas e respeitaveis familias de S. Miguel. A melhor

direcção presidia a estas reuniões em que reinava a maior vida e animação. — As bellas quadrilhas do Rigoletto e do Trovador avivavam as contradanças, que umas após outras succediam alternadas por essa dança que um poeta

para se estabelecer o throno constitucional e as instituições que nos regem.

S. C.



Vista interior da gruta da ilha de Booby.



A ilha Booby á saída do estreito de Torres.

HORAS DE AMOR.

E

HORAS DE DESENGANO.

(IMITAÇÃO.)

XXIII

O til estava em flôr, o rouxinol cantava debruçado sobre os ramos verdes da arvore, e o sol parecia sorrir á natureza tão florida e vecejante: o teu braço cingia o meu corpo, e o meu peito arfando em suspiros estava unido ao teu coração palpitante.

Depois, as folhas caíram dos ramos, o corvo grasnava ao longe, o sol estava pallido e nublado: e tu dizias-me geladamente—adeus!—inclinando a cabeça, grave e pultida, como se estivesse n'uma sala.

XXIV

XXV

XXVI

E enquanto eu me demorava a vaguear pelos paizes estrangeiros, pareceu longo o tempo á minha amante, e pondo na cabeça uma corôa de noiva, lançou os braços sedentos ao mais inepto dos noivos.

E ella—a minha amante!—ainda a vejo graciosa e bella, passando com uma apparição encantada diante dos meus olhos: não—deixar de amal-a—não posso:—fugir-lhe, é impossivel!

XXVII

Ouve, minha querida, quando o teu corpo repousar na campa, hei-de eu deitar-me ao pé de ti, e confundir-me contigo.

Abraço-te, aperto-te, miro-te com ardor, embora estejas muda, fria e livida! Grito, estremeço, sinto-me morrer!

É meia noite: os mortos levantam-se, para dançar em grupos nebulosos. Nós não: ficámos na cova, ao pé um do outro.

Ouves a trombeta? É o dia de juizo final: os mortos erguem-se do tumulo, para serem condemnados ao ethereo gozo ou aos tormentos sem fim: nós não: nada ouviremos, e ficaremos deitados, e cingidos um ao outro.

XXVIII

Um pinheiro isolado se ergue sobre uma arida montanha do Norte. Elle mal veveja, porque o gelo e a neve o envolvem de um manto alvo.

Recorda-se talvez de uma palmeira que lá, ao longe, no Oriente, se fina solitaria e taciturna, debruçada sobre a ossada de um esbraséado rochedo.

XXIX

XXX

Quando ella estava ausente de mim, nem um riso sequer vinha pousar nos meus labios.

Depois que a perdi, já não posso chorar. Sinto dilacerado o coração de angustia, mas não posso chorar.

HORAS DE AMARGURA.

XXXI.

Eu vou transformando em canções as minhas maguas, e vejo-as voar direitas ao coração da minha amante.

E depois, sinto-as voltar tristes, e queixosas: pousaram lá dentro, e não querem contar-me o que viram.

XXXII.

Nunca mais hei de esquecer, ó querida de que foste minha, em corpo e alma.

Desejava ainda possuir o teu corpo, porque é gentil, e airoso: mas que me importa a alma?... Alma tenho eu de mais:

Quem sabe, se dando-te metade della, poderíamos formar um todo, que possuísse o que em mim me sobra, e o que em ti te falta!

XXXIII

N'um dia esplendido de primavera, eu vejo homens e mulheres, saudando os campos em flor, e escutando extasiados o canto dos passaros que esvoaçam ligeiros sobre os ramos verdes das arvores frondosas.

Eu fecho-me no quarto, cubro a janella, porque tu do isso me recorda, o que devêra para sempre esquecer.

O meu amor, que já é morto, resuscita então, e vem dilacerar-me, pelos transidos de uma acerba saudade!

XXXIV

As imagens dos tempos que foram, saem do sepulchro

e mostram-me como eu outr'ora vivia ao pé de ti, meu amor!

De dia, vagava triste e pensativo pelas ruas, como se perdesse a consciencia da realidade.

De noite, nas ruas desertas, eu caminhava ao acaso, e a minha sombra seguia-me como a unica testemunha de que existia entre os vivos.

A lua vinha com os seus raios descobrir-me a tua morada, e eu olhava para a janella aonde me apparecias, com o coração palpitante.

Eu bem sabia que tu podias ver-me ali, immovel como a columna posta no cemiterio, que nenhum sopro agita.

XXXV

Um mancebo ama uma donzella, a qual escolheu outro homem: um homem ama outra mulher, e casa com ella.

A donzella então desposa o primeiro homem que encontra no seu caminho: e o mancebo sente-se expirar de dôr.

É uma historia antiga, que muitas vezes se renova no mundo, e que quando acontece, deixa sempre, como um furioso incendio, rastros de destruição e de ruinas!

XXXVI

Quando ouço aos ouvidos a canção que a minha amante entoava, sinto o meu peito dilacerado de dôr acerba e profunda.

Depois vou para os bosques e a magua que se apodera de mim desfaz-se em copioso e amargo pranto!

XXXVII

Eu sonhei que estava ao pé da filha de um rei, e que a sentia cingida a mim, em extremo e palpitante abraço. «Não quero o throno de teu pai, nem o sceptro de ouro que lhe dá o mando, nem a corôa de diamantes, que lhe conquista o respeito; quero-te, a ti só, porque te amo!

— Não pôde ser, respondeu-me ella: eu habito n'um sepulchro, e só posso vir ter contigo, á noite, e venho porque te amo!

XXXVIII.

Ó meu amor, estávamos assentados ao pé um do outro, n'um ligeiro bätel. A noite estava serena, e nós navegávamos sobre um vasto lençol de agua.

A ilha mysteriosa dos espiritos via-se ao longe, na vaga perspectiva desenhada pelas raios indistinctos da lua: ouvia-se vir dali sons deliciosos, e o confuso tropel de danças silenciosas.

É os sons cada vez se ouviam mais suaves, e as danças cresciam no delirio, e na animação...

E nós só, vagávamos sem esperanza nas infinitas solidões do mar.

XXXIX

Amei-te, e ainda te amo! E se o mundo desabasse; as chammas do meu amor surgiriam das ruinas, como os fogos fatuos das ossadas carcomidas do cemiterio.

XL.

Eu passeava no jardim, n'uma bella manhã. As flores murmuravam entre si, ao verem-me passar silencioso e sombrio.

As flores fallavam, olhando-me com compaixão. Não te irrites contra nossa irmã, ó pallido e triste amante!

XLI.

O meu amor luz na sua funebre auréola como um canto melancolico narrado em noite calmosa do estio.

Era n'um jardim encantado, que dois amantes divagavam callados e sosinhos. Os rouxinoes cantavam entre as balsas de flores, e a lua derramava torrentes de pallida luz, por entre as arvores, que docemente se agitavam ao meigo sopro da brisa.

A donzella parou a final, firme e immovel como uma estatua: o cavalheiro caiu a seus pés, em extatica admiração. Apareceu o gigante do deserto, e a timida donzella fugio.

O cavalleiro jazia dahí a pouco ensanguentado sobre a relva: o gigante recolheu-se á sua morada com passos sonoros e lentos. O canto acabou-se, mas não o meu tormento!

XLII

Supplicaram o meu coração, amarguraram a minha vida uns com o seu amor, e outros com o seu odio.

Tornaram amargo o pão que comia, lançaram peçonha na taça em que bebia, uns com o seu odio, e outros com o seu amor.

E todavia quem mais atormentou a minha alma afflicta, quem mais envenenou os dias que tenho a viver neste mundo de enganos, foi aquella que nunca me teve odio, que nunca me teve tambem amor!

XLIII

O ardente estio parece dourar as tuas faces rubicundas: mas o inverno, o gelado inverno é quem se apodera do teu coração.

Isso hade talvez mudar algum dia, meu amor! O inverno estará nas tuas faces: o estio aquecerá o teu coração.

XLIV

Quando dois amantes se apartam um do outro, unem as mãos, e choram, e suspiram, e deixam-se dominar pela dôr.

Nós não chorámos, nem suspirámos: pranto e suspiros vieram depois.

XLV

Em torno de uma mesa, fallava-se muito do amor. Os homens dissertavam sobre a esthetica: as mulheres sobre o sentimento.

O amor deve ser platónico, exclamou um magro conselheiro. A conselheira sorriu-se ironicamente, e suspirou baixinho.

O conego abriu a sua boca enorme, e affirmou que o amor não devia ser por extremo sensual, para não causar damno á saude. A donzella pergunta com innocencia o que tinha o amor com a saude?

A condessa então disse com o seu ar morbido e languido: o amor é um delirio apaixonado! E offereceu uma chavena de cha ao barão.

Havia ali ainda um logar vago, minha querida, e tu podias occupal-o. Como não darias bem a tua opinião sobre o amor?

XLVI

Os meus cantos destilam veneno: como não hade acontecer assim? Lançaste peçonha sobre a flôr da minha vida.

Os meus cantos destilam veneno: como não hade acontecer assim? Tenho no coração um ninho de serpentes, e a ti, meu amor!

XLVII

O meu antigo sonho veio-me perturbar de novo a imaginação: era n'uma noite de maio: estávamos á sombra das tilias, e jurávamos um ao outro uma fidelidade eterna.

É os protestos succediam aos protestos, e tudo entre fervidos beijos, e ternas confidencias. Para que me lembrasse do juramento, mordeste-me a mão!

Ó anjo de olhos azues! ó anjo de alvos dentes! hasteria o juramento: o morderes-me foi de mais!

XLVIII

Subi ao vertice da montanha, e senti-me languidamente enternecido. Se eu fosse passaro! disse eu a mim mesmo milhares de vezes.

Se voasse como a andorinha, iria fazer o ninho entre os arcos da tua janella.

Se eu cantasse, como o rouxinol, iria poisar sobre as tilias, proximo de ti, para de noite adormecer-te com os meus namorados cantos!

XLIX

Chorei a sonhar: sonhei que estavas morta; acordei, e tinha o rosto lavado em pranto.

Chorei a sonhar: sonhei que me deixavas: acordei, e derramei ainda mais pungentes lagrimas.

Chorei a sonhar: sonhei que ainda me amavas: acordei, e o meu pranto ainda não cessa de correr!

L

Vejo-te em sonhos todas as noites, e vejo-te sorrindo graciosamente, e lanço-me soluçante e afflicto, para beijar o rastro que deixam os teus pés.

Olhas-me de um modo triste, e sacudindo a tua loura cabeça, vejo que de teus olhos caem lagrimas, brilhantes como perolas,

Dizes-me ao ouvido uma palavra, em voz baixa, e offereces-me um ramo de cypreste. Acordo, e não vejo o ramo, e dêra tudo para esquecer a palavra.

LI

A chuva, e o vento agreste do outomno assobião, perturbando o silencio do noute; aonde se demorou a minha timida amante?

Eu bem a vejo, encostada á janella, no seu quarto solitario: com os olhos humidos de lagrimas, fita as raras estrellas, que apparecem, entre as nuvens açoutadas pelo vento.

LII

A tempestade faz gemer as ramadas das arvores, a noite está humida e fria; eu atravesso o bosque, no meu impaciente e fogoso cavallo.

E enquanto o meu cavallo galopa, os pensamentos que me revoam pela mente, transportam-me aos pés da minha amante.

Ladram os cães, apparecem os creados com archotes: eu subo a escada, fazendo timir as minhas estridentes esporas.

N'um aposento atapetado, e resplandecente com o clarão de milhares de luzes, no seio de uma atmosphera serena e embalsamada, a minha amante espera-me. — Caio delirante nos seus braços!

E o vento fustiga as folhas do carvalho, e ellas parecem dizer no seu murmuro lugubre: «Para que te deixas dominar, louco cavalleiro, de insensatas illusões!»

LIII

Eu vejo cair uma estrella do manto azulado, que se aviva de mil esplendidos lumes: é a estrella do amor que eu vi cair!

Das macieiras também se despegam muitas folhas brancas: e vejo o vento levantal-as, revolvendo-as em caprichosas direcções.

O cisne cauta no lago, aproxima-se e affasta-se da margem, e cantando cada vez em voz mais sumida, vai desaparecendo pouco a pouco no seu humido sepulchro.

Tudo o que nos rodea está sombrio e tranquillo: folhas e flores leva-as a brisa: a estrella perde a sua deslumbrante luz: e o canto do cisne já espirou no silencio da noute!

LIV

LV

A floresta acordou ao som precipitado dos meus passos, e vi as arvores agitarem os seus ramos, murmurando piedosamente e compadecendo-se do meu destino.

LVI

Nos campos agrestes e longíquos desterrão-se aquelles que attentaram contra os seus dias.

Ali nasce uma flôr azul: chamão-lhe a flôr da alma maldita.

Parci nesses campos, e dei um suspiro. A noute estava fria e silenciosa. Aos raios frouxos da lua, eu vi mover-se lentamente a flôr da alma maldita.

LVII

Uma negra escuridão cobre os meus olhos, depois que os não allumia a luz dos teus, ó meu anjo querido!

A estrella do amor apagou-se para mim: abre-se-me um abismo diante dos meus passos: oh! noute eterna, sepulta-me para sempre no teu seio!

LVIII

Os meus olhos estavam envoltos em trevas: com o coração, e a cabeça entorpecidos, eu jazia no fundo da cova aonde repousão os cadaveres.

Depois de haver dormido não sei quanto tempo, acordei, e pareceu-me ouvir bater na lousa.

«Levanta-te, Henrique! luz já um dia sem fim: os mortos volveram á vida: começa para nós a felicidade eterna.

Não posso levantar-me, meu amor, porque estou cego: á força de lagrimas, sumio-se a luz dos meus olhos.

—Eu dar-te-hei vista com os meus beijos, Henrique: é necessario que vejas os anjos e o esplendor do ceo.

—Não posso erguer-me d'aquí, meu amor; a ferida que me abriste no coração com uma palavra, verte sangue de continuo.

—A minha mão pósta sobre a chaga, fal-a-ha sarar depressa.

—Meu amor, não posso erguer-me d'aquí: tenho de mais uma ferida na cabeça, é o rasto de uma balla que ahí entrou, quando me foste arrebatada.

—Vês os aneis do meu cabelo, Henrique, estanco o sangue que te corre da cabeça, e ficarás salvo.

A voz fallava-me tão terna e carinhosamente, que não pude resistir: tentei levantar-me, e ir ter com a minha amante.

As minhas feridas abriram-se com este esforço, o sangue sahia-me em borbotões da cabeça, e do coração, e eis-me acordado.

EPILOGO.

Vou enterrar as velhas e maguadas canções, apagar do pensamento os sonhos pesados e tristes: tudo, dentro de uma grande tumba, será lançado no mar.

Amor e desenganos, tudo se esvaece, quando a hora da morte nos convida a transpôr o limiar dos nossos mysteriosos destinos.

LOPES DE MENDONÇA.

JUDEUS KARAITAS DA CRIMEIA.

Esta raça, sobre tudo nas mulheres, apresenta na Peninsula da Taurida o caracter particular, que revela a sua origem. Na sua viagem á Crimeia, o príncipe Demidoff descreve-a com tanta arte, que o retrato parece vivo. O que elle nos diz da hospitalidade de um rabino karaita pode servir de commentario ás duas estampas, que offerece hoje o nosso jornal.

O judeu saiu a recebê-lo ao portal da casa, saudando-o á maneira da terra, que é com a mão direita sobre o coração, depois na bóca, inclinando ao mesmo tempo levemente a cabeça. Em um aposento pequeno e muito baixo, vestido de coxins e tapetes, estava a mesa, levantada só um pé acima do chão, e sobre ella viam-se os manjares delicados com profusão, os doces, e os vinhos mais generosos. Quando acabou a colação o rabino conduziu os seus hospedes á habitação das mulheres.

Entre outras uma formosa rapariga sobresaindo mais pela graça da phisionomia e do traço mereceu a attenção, com que o príncipe a desenha. A veste de seda raiada de

azul e escarlate ajustava-se ao corpo esbelto accusando a elegancia das formas em toda a sua pureza. Uma faixa larga laçada no cinto descia até ao joelho terminada por duas medalhas de prata de lavor curioso. Um lenço preto com flores vermelhas enrolava-se a modo de turbante em volta das tranças luxuriantes. O collar de peças de ouro enfeitava o seio, e um coliman de seda amarella bordado de preto completava o vestuario pittoresco apar das *babochas* cor de canna, communs em todo o paiz.

Os karaims, ou karaitas repudiam o Thalmud e os commentadores, e seguem á letra os livros sagrados; o seu nome deriva-se da sua crença, senda *kara*, (escripta) a raiz delle. Não é só porem esta base fundamental a unica differença, que os separa dos mais hebreus. Ha notaveis e essenciaes dissimilhaças na lithurgia, na maneira de praticar a circumcissão, no regimen alimenticio, e no modo de contar os graus de parentesco para o casamento.

A reputação de probidade, de que gozam, é justa e confirmada pelo seu procedimento; a expressão do rosto quasi sempre amena e sincera; e o acceio que até exageram nos actos exteriores, escrupuloso e geral.

Pulidos e serviçaes, soccorre-os, entretanto, vê-se logo, o genio commercial da sua nação, embora se abstenham cuidadosamente, das usuras e das baixas especulações, que tantas vezes vergonham a gente judaica nos differentes reinos, aonde a levou a sua vida errante.

As nossas gravuras representam dous destes hebreus karaitas e um campones do mesmo sangue, e um bando de moças da mesma tribu tirando agua de um poço nas circumvisinhanças de Eupatoria. Se os seus trajos não são tão ricos como os da esposa do rabbi, que o príncipe Demidoff admirou, no corte e feição, e na elegancia, pouca, ou nenhuma differença se lhes nota. Observa-se que as jovens karaitas com a herança de lagrimas da sua raça receberam também o condão da belleza e da sedução; e que o poder irresistivel dos seus olhos será sempre vencedor.

L. A. REBELLO DA SILVA.

FAUSTINO IMPERADOR DO HAITI.

A historia d'este imitador burlesco de Napoleão I é assás conhecida para repetindo-a, cançar-mos a paciencia dos leitores n'este momento. É provavel, porem, que em um dos n.ºs da *Illustração* tentemos o quadro comico de algumas das parodias, que elevaram ao throno este successor de Toussaint Louverture. Ha assumptos, que só admittem o lapis satyrico de Callot, ou o busto irrisorio de Dantan Junior. Os actos e as visagens imperiaes selvagens estão nesse caso.

L. A. REBELLO DA SILVA.

ILHA BOOBI.

O estreito de Torres, tão perigoso para os navegadores, é todavia muito frequentado ha vinte annos pelos navegadores, que atravessam de Sidney para a India.

A ilha de Boobi encontra-se á sahida d'este passo ariscado, do lado de oeste, e por tanto está situada em um ponto por onde forçosamente hão de passar as embarcações, que cortam aquellas aguas. A estação das postas acha-se perto do pau de signal, e o governador inglez de Sidney não se esqueceu de prover de mantimentos um deposito estabelecido para soccorro e auxilio dos naufragos.

Todos os vasos da marinha britannica, que passam pelo estreito de Torres são obrigados a fundear abaixo da ilha Boobi durante o tempo necessario para mandarem o escaler a terra afim de recolherem as cartas que houver, e de verificarem se os viveres se conservam em bom estado, e em quantidade sufficiente.

A politica da Gran-Bretanha protegendo assim com vigilancia caridosa os interesses do seu commercio, estende ao mesmo tempo ao infortunio o braço valedor para lhe provar, que a patria não desampara os que são seus filhos nem nas mais remotas regiões.

Quando se imitarão exemplos semelhantes?

L. A. REBELLO DA SILVA.

CHRONICA SEMANAL.

Domingo teve lugar uma solemnidade que deixou profundas e gratas impressões. S. M. o Sr. D. Pedro v quiz distribuir pelas suas mãos os premios aos Expositores de Pariz, e escolheu para esse fim a sala da Bibliotheca da Academia das Sciencias. Visto que as artes entre nós não tem ainda um templo, é justo que as sciencias lhe abram as portas. Elrei escolheu pois o local com o tacto e delicadeza que se notam em todas as suas coisas. Reclamando paternalmente o encargo verdadeiramente real de entregar pessoalmente as recompensas, ganhas nas lides da industria, addicionou-lhes nove condecorações do habito da Torre Espada, com applicação aos industriaes que mais se tinham distinguido no concurso de Pariz.

As salas da Academia estavam devidamente adornadas. O concurso foi luzido e immenso, e a Academia fez as honras da casa aos seus regios hospedes. Viam-se ali os mais notaveis homens do paiz nas letras e na politica. Foi

uma solemnidade inteiramente nacional que, se não pompeou em grandes magnificencias, brilhou todavia pela regularidade, pela conveniencia, pelo pensamento fecundo que a inspirou e pelo sentimento consolador que produziu.

D'esta vez não podemos fazer commemorações de prosa litteraria nem de versos elegantes. Todas as cabeças são algarismos e algumas figuram de zero. A questão financeira absorve o espirito, aos que o tem, e põe em apuro os que o não tem. A opinião trata de estabelecer uma conta corrente, por que não acha muito corrente a do estado. As intelligencias generosas não receiam investir com as pyramides de cifras para pôr a claro o que parece estar um pouco escuro. Ninguem pensa, ninguem falla, ninguem cogita, ninguem estuda outra coisa. E achamos razoavel pois que se trata da fortuna de todos. No emtanto vão lá ser poeta ousado ou prosador culto debaixo d'este diluvio de sommas... e subtracções. A unidade substituiu a musa, Apollo chama-se orçamento, o Parnaso está na camara, e não será difficil ver por lá algum Pégaso, mesmo sem azas. Addicionadas e sobretudo realizadas todas as parcelas, que se tem disparado em descargas cerradas das columnas armadas em guerra do journalismo politico não era preciso mais para salvar o paiz, e comprar com as sobras uma nesga da Turquia, que parece estar em leilão, ou um cento de Acções do Credito Mobil, o que daria em resultado uma singularidade e quasi um paradoxo, compravamos um pedaço de nós mesmos, equivalia a uma cautella de Seguros de Vida.

O theatro lyrico deu-nos afinal uma opera nova, o *Hebreu*, do maestro Apolloni. Em geral a musica não desagrada, e alguns trechos mereceram bastante applauso da platéa. E realmente a caballeta do duetto de soprano e tenor, no primeiro acto; a aria do barytono no segundo, e a cavatina do soprano no terceiro, são peças escriptas n'um momento de feliz inspiração e offerecem originalidade. A execução foi regular e talvez a mais igual desta companhia. Bartholini conquistou, como quasi sempre acontece, as honras da noite. No desempenho da difficil parte de Issachar teve bellos momentos, dando-lhe toda a expressão necessaria. No alegre da aria do segundo acto, cantou com um fogo, com uma energia, e com uma bravura, que excitou verdadeiro enthusiasmo. A senhora Spezzia esmerou-se também na execução desta opera, que tinha escolhido para o seu beneficio, e viu coroados os seus esforços pelo acolhimento favoravel que recebeu do publico. Na cavatina do terceiro acto, cantou com muito mimo e correcção. O tenor Braham á excepção da romanza do terceiro acto que executou com muita delicadeza e sentimento, no mais pouco conseguiu fazer, em consequencia dos poucos recursos vocaes de que dispõe, e que o prejudicam no alegre do duetto com o barytono.

Rambois e Cinatti, contribuíram com mais alguns rasgos brilhantes dos seus aprimorados pinceis, para aformosear o espectáculo, apresentando duas scenas magnificas e que produziram bello effeito.

Um lindo drama, um drama de Alexandre Dumas, subiu ultimamente á scena no theatro francez, em beneficio de mr. Lugué. A nossa surpresa não foi excessiva porque o nome do author, era para nós uma prevenção muito favoravel. E não nos enganámos. O distincto dramaturgo não desmereceu da sua reputação. O *Marbrier* é um quadro intimo e familiar, traçado com singeleza, mas deixando logo advinhar a mão do mestre. O enredo é simples e tocante. O protagonista apenas apparece ao começar e ao fechar do drama. Vem apresentar logo que o panno sobe, os desenhos de um tumulto, e no fim vem buscar a sua importancia. Este tumulto é para cubrir a sepultura de uma donzella, morta na flor dos annos, e nas vespuras de poder apertar nos braços seu pai ausente ha dez annos. Sua mãe e irmão não sabem, nem encontram meio de suavisar este golpe, ao desgraçado pai, que volta rico, feliz, cheio de esperanças, esperando encontrar seus dois filhos e apagar com beijos e caricias as saudades desta separação. O acaso conduz ali outra donzella que, orphã no verdor da mocidade, tendo sido educada n'uma das melhores pensões de Pariz é recommendada a madame de Gervais para companheira de sua filha. Por uma coincidência (necessaria ao auctor) esta chama-se também Clotilde. Tudo isto são razões para despertarem a sympathia de pobre mãe, que começa a interessar-se devéras por ella. Neste momento chega de Gervais inesperadamente e apertando contra o coração mulher e filho, chama por Clotilde. A este nome acode a donzella, pedem-lhe que favoreça o engano, e obrigam-a a precipitar-se nos braços que lhe estendem supplicantes.

No segundo acto de Gervais nota a cerimonia e o recato exagerado dos dois irmãos, recato e cerimonia devidos á affeição mais do que fraternal, que a convivencia intima inspirou no coração d'ambos. Um negociante americano a cuja amizade de Gervais deve a fortuna que possui, e com quem tinha contractado o casamento de Clotilde com seu filho, vem exigir a realisação d'esta promessa. Póde-se avaliar a situação dos dois amantes, que se vêem obrigados a calar os seus sentimentos e a sujeitarem-se a este sacrificio. No terceiro acto porem, De Gervais encontrando seu filho aos pés de Clotilde, augmenta-lhe a desconflança que já começava a ter d'este amor, que era a seus olhos um sacrilegio, e julgando o unico meio de os salvar, separal-os, emprega todos os meios ao seu

alcance para o conseguir, suffocando no peito o coração que lhe estalla de dôr, a idéa d'uma nova separação, por que n'este caso é por força obrigado a apartar-se d'um d'elles. É n'esta occasião que a chegada do *Marbrier*, revela toda a verdade. Ha poucos finaes que causem tão profunda impressão: as ultimas palavras de Gervais commovêram a todos e não esqueceram mais. « Mon Dieu! que vous êtes misericordieux! vous faites un ange de plus au ciel, et à sa place vous rendez une fille pour le père, une épouse pour le fils. Mes enfants! mes enfants! »

Juntai agora a este episodio altamente dramatico, um dialogo como o escreve Alexandre Dumas e já podeis fazer idéa do valor da obra.

As honras do desempenho cabem a mademoiselle Roqueville, que traduzio com toda a verdade o caracter angelico de triste orphãa. Nas scenas de sentimento a sua voz vai direita ao coração e parece sahir d'elle. Desejavamos vêr esta actriz na linda comedia de Augier, *La Ceinture dorée*, onde teriamos occasião de admirar o seu bello talento, n'um papel de maior desenvolvimento e força. Mr. Luguet, não foi igual na execução, exagerando alguma coisa nos primeiros actos, mas resgatou esta falta pelo modo por que desempenhou o último. Teve rasgos dignos d'um primeiro actor. Mr. Lemaître é n'estes papeis que desenvolve melhor os seus recursos, pois o seu talento presta-se muito mais ao drama do que á comedia, e é n'aquelle só que o temos visto brilhar.

No theatro normal não houve novidade alguma para registrar. Ensaia-se ali, para o beneficio actor Tasso, o *Cedro Vermelho*, do nosso amigo Francisco Gomes d'Amorim. Não queremos prevenir o publico da bella surpresa que vai ter nessa noite, por isso nada diremos sobre o drama. Fica para depois.

ERNESTO BIESTER.

DESCOBRIMENTO DA TORRE DE BABEL.

Os trabalhos e escavações feitas debaixo da direcção do coronel Rasolinson, que actualmente se acha no Oriente em commissões do governo inglez, são de summa importancia, e derramam abundante luz em muitas das épocas historicas, que pelas trevas mysteriosas em que se acham envolvidas, mais se recommendam á consideração e curiosidade do archeologo. A historia profana da mais remota antiguidade, e muitas das verdades biblicas, recebem agora uma nova confirmação, arrancada pela perseverança e esforços dos homens á transformação e esquecimento dos tempos.

Para os espiritos incredulos que ainda nas provas palpaveis, nos testemunhos irrefragaveis esquecidos nas ruínas dos seculos e nos monumentos da verdade evangelica, lhes custa a achar a evidencia da voz da revelação das Escripturas, é esta uma victoria ante a qual tem de succumbir a sua falta de crença: para as almas engrandecidas nos mysterios da religião catholica, são por certo estes novos descobrimentos, que o esforço e a sciencia humana roubam á escuridão do passado, novos triumphos onde mais depuram e avivam a sua fé.

As escavações feitas sob a inspecção do coronel Rasolinson, na Mesopotamia, duraram tres annos e abrangem uma extensão de quatro centas legoas, do sul ao norte. Os esclarecimentos obtidos referem-se a um periodo historico de tres mil annos. As lapidas, cypos e varias inscripções podem carregar tres navios, segundo affirmam as correspondencias deste incansavel antiquario.

Rasolinson estando empregado, ha mais de vinte annos, em disciplinar o exercito do schah da Persia, por determinação do governo britannico, observou muitas inscripções de configuração conica planos de muros derruidos, esculpturas, penhas em diversos locais, mas não as entendeu: antes, por causa de um livro de antiguidades persas que andava lendo, se persuadiu de que os objectos que vira eram ornatos architectonicos e nada mais. Mas a curiosidade o instigou depois a examinar as esculpturas e medalhas da Persia, e foi por esse facto que conheceu haver nellas caracteres de um idioma perdido.

Em 1825, achando-se em Ecbatana, viu que as letras n'ella gravadas designavam nomes de reis de tres gerações, avô, pai e filho. Após esta primeira tentativa, por um processo engenhoso, o coronel Rasolinson verificou que aquellos nomes de reis eram de Hystaspes, Dario e Xerxes.

Esta tentativa pois deu-lhe em resultado ficar sabendo doze letras de um alfabeto, que até então era completamente desconhecido para elle.

No entretanto, o coronel inglez foi mandado para Kermanshah, sitio d'onde fica perto a penha de Baluston.

Esta penha ergue-se aprumada sobre um precipicio de mil e sete centos pés de altura: n'uma das faces vê-se uma inscripção de mil linhas, dividida em tres partes. Com muita difficuldade subiu ao cume da rocha e copiou da inscripção bastante para quasi completar o alfabeto que depois viu a ser um tanto parecido com o sanscrito.

Ao cabo d'estes estudos, que duraram tres annos, já Rasolinson estava um pouco senhor da lingua, e foi então que se propoz a publicar algumas inscripções. Mas por esse tempo rompeu a guerra do Affghan, e as suas investigações scientificas foram interrompidas. Em 1843, porém, tornou novamente á Persia, mas quando já se dic-

punha a proseguir nos seus trabalhos archeologicos foi removido para Herat, onde teve de se demorar cinco annos.

Durante a sua ausencia mandou o governo francez uma commissão, encarregada de copiar a inscripção da penha de Behistun: mas os individuos encarregados d'essa tarefa acharam-na impossivel pela extrema difficuldade de sobirem a rocha.

Por aqui se vê que já havia feito um homem só, desajudado dos grandes recursos que pôde prestar um governo, só instigado pelo seu espirito de indignação e amor de sciencia, o que nem tentaram muitos outros determinadamente escolhidos e mandados para esse fim.

N'este genero de difficuldades, o genio inglez leva inquestionavelmente a palma ao francez.

Passados tempos o coronel Rasolinson regressou, e deuse immediatamente a tirar uma copia de tudo. A inscripção acha-se a quinhentos pés acima do chão; e por baixo da orla inferior do apainelado ha uma saliencia que não tem mais de dezoito pollegadas de largura. O coronel conseguiu collocar uma escada de mão de encontro a esta saliencia e subindo por ella até ao ultimo degráu, encostou o corpo á penha por não ter outro apoio. N'esta posição, tão perigosa, se conservou, segurando a carteira com a mão esquerda em quanto com indizível difficuldade copiava com a direita. Um movimento convulso ou uma pequena contracção que lhe fizesse perder o equilibrio, bastava para o despejar da escada e o despejar no fundo de precipicio. Felizmente o nosso archeologo levou a sua tarefa ao fim sem o mais leve desastre.

O coronel Rasolinson fez tambem em Ninive valiosas excavações, principalmente n'um templo edificado pelo filho de Esar-haddon, onde colheu muitas noticias a respeito da jurisprudencia, historia e religião dos povos da Assyria e de Babilonia especialmente.

Foi tal o numero das inscripções encontradas que, no dizer de Rasolinson, a traducção d'ellas poderia dar materia para cem mil paginas impressas em caracteres meudos, o que seria de grande valia e auxiliar para explicar os uzos, a historia geral, e o modo de viver nas suas relações mais intimas, nas puras ligações do dominio moral dos antigos habitantes do territorio situado entre o Tigre e o Euphrates.

Até onde o coronel Rasolinson pôde verificar pelas suas aturadas investigações, havia uma coincidência quasi completa entre as historias babilonicas e assyrias, e as noticias dos grandes acontecimentos dadas pelos escriptores inspirados. Essa coincidência notava-se entre os factos geraes, só com as pequenas differenças, assaz triviaes e que são de esperar de povos inimigos dos judeus.

Pelas inscripções conheceu Rasolinson que Abrahão e seus descendentes se appellidaram hebreus, porque procediam de uma tribo de chaldeos chamada *Ebrais*; que Jehu pagou tributo a Sennacherib, rei de Ninive; que a rainha de Saba dominava em uma região da Arabia que devia ficar ao sul da Palestina; que Sennacherib mandara pedir a Manasses artifices para edificar o seu palacio, do qual existem ainda alguns fragmentos no museu britannico; que Nabuchodonosor, ou Nebuchadnezzar começara a reinar seiscientos e quatro annos antes de Christo. Este rei assyrio, nas muitas noticias que deixou da sua vida publica e privada, descreve a guerra que tivera na Palestina, a ida dos judeus para o cativeiro, e a reedificação de Babilonia, quasi pelas mesmas palavras empregadas nos livros biblicos, e faz até menção da doenca mental que segundo a phrase do propheta *o tornou de homem em bruto*, como só o poderia fazer a propria pessoa que a padeceu.

Nabuchodonosor diz, que em quanto se occupava em determinar a edificação de Babilonia, os deuses haviam sido por elle offendidos e lhe puzeram um encantamento que o fez andar ás escuras; mas que, depois de certo tempo, o encanto se quebrára, e recobrando o uzo da razão, continuou a edificar Babilonia.

É desta mesma forma que o proprio Nebuchadnezzar narra este maravilhosos acontecimentos, como se lê no livro de Daniel.

Parte do anno passado esteve o coronel Rasolinson accampado sobre as ruínas de Babilonia, e pelo espaço de tres mezes empregou para mais de tresentos homens em escavar as ruínas da Torre de Babel. Os resultados que obteve foram immensos: a sua importancia e authenticidade são de muita valia e luz para a historia. Por estas escavações conheceu que o famoso monumento fôra construido de sete andares, cada um dedicado a uma das sete espheras: Saturno, Jupiter, Sol, Venus, etc. Isto percebeu-o principalmente porque cada plantatorma, por ser consagrada a uma esphera particular, tinha a côr d'ella.

Alguns viajantes tem supposto que a Torre de Babel havia sido destruida por uma chuva de raios, em razão do estado de vitrificação em que se acham os tijolos, na parte superior daquella prodigiosa fabrica. Mas as indagações e esclarecimentos do antiquario inglez vieram tirar toda a duvida a esse respeito, e provar o contrario. A setima plantaforma, que é a ultima e era consagrada a Mercurio, mostra ainda ter sido azul. Para se obter dos tijolos esta côr haviam-nos exposto a um fogo intenso, até que toda a plantaforma se tornou como o que se chama escoria azul, ou tijolo vitrificado.

Até certo tempo foi tambem ponto controverso na historia o saber-se quem tinha sido Belshazzar, de quem se falla na narrativa da queda de Babilonia; mas as inscri-

ções achadas esclarecem a duvida. Em um notavel cylindro de Nebomidus, no qual se conta a reedificação do templo, em vez de começar com uma oração por si só, como succede no cylindro de Nabuchodonosor, vê-se que nelle se interpõe o nome do filho primogenito deste, *Belshazzar*, com quem havia repartido o imperio, e o qual se menciona como governador de Babilonia. Nebonidas saiu ao encontro de Dario, quando este sitiava a capital do imperio assyrio, e sendo derrotado na batalha que deu retirou-se para um sitio distante. No entretanto ficou Belshazzar guardando a cidade, e foi morto quando o rei dos medos a tomou.

A descripção não relata a caída de Babilonia; pelo menos ainda se não tinha rastreado que a relatesse, e é provavel que não houvesse disso memoria, pois Nebonidas não a podia ter feito, e os conquistadores esses eram uma horda de barbaros, incapazes por certo de escreverem a historia das suas façanhas.

Estes factos, que tocamos, são os mais importantes, os de mais valor e authenticados para a historia, que se lêem nas correspondencias do coronel Rasolinson. Tanto a historia sagrada como profana tem nesta preciosa collecção do infatigavel investigador inglez uma grande fonte de verdade, aprofundada com aquelle zelo, perseverança e dedicação, que caracterizam os trabalhos archeologicos dos antiquarios inglezes.

O coronel Rasolinson fez uma sessão perante a sociedade litteraria e philosophica de Leeds, em Inglaterra, e por essa occasião leu preciosos documentos que havia colligido sobre os descobrimentos feitos pelo seu incansavel amor á sciencia.

A sociedade applaudiu-o com enthusiasmo e corôou-o de louvores, conferindo-lhe o titulo de socio honorario e vitalicio, sob proposta do reverendo e douto padre Sinclair.

A acta desta notavel sessão foi publicada no *Mercurio*, jornal que se publica na cidade de Leeds. Para ahí remettemos os leitores, se quiserem noticias mais largas e circumstanciadas dos trabalhos do antiquario inglez.

ANDRADE FERREIRA.

BIBLIOGRAPHIA.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.—RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o 14.º n.º do 13.º vol., 3.º da presente serie.

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. br. 480

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo auctor.

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.º fr. 200

ADICÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas. 1 vol. 8.º fr. 200

POESIAS, de L. A. Palmeirim. 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. br. 600

OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior. 1 vol. 8.º fr. 480

O HOMEM DE OCRO, drama em 3 actos (continuação do antecedente) pelo dito 1 vol. 8.º fr. 300

A CRUZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos 1 vol. 8.º fr. 310

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça. 1. vol. 8.º fr. br. 720

MEDICINA LEGAL, por Sedillot; traducção do Dr. Lima Leitão. 2.ª edição. 2 vol. 8.º fr. 1\$200

A REDEMPCÃO, comedia drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introdução pelo sr. Mendes Leal Junior. 1 vol. oit. fr. rs. 360

NATUREZA DAS COUSAS, poema de T. Lucrecio Caro, trad. do Dr. Lima Leitão. 2 vol. 8.º brox. 800

POESIAS DE M. M. Barbosa de Bocage, edição completa em 6 volumes de 8.º fr. 4\$320

A HERANÇA DO CHANCELLER, comedia em 3 actos, e em verso, por J. S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º francez br. 400

OTHELLO, OU O MOURO DE VENEZA, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, um vol. rs. 300

AVISO.

Roga-se aos senhores subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.